



# Nova Revista Amazônica

Revista do Programa de Pós-Graduação em  
Linguagens e Saberes na Amazônia

**DOSSIÊ IMAGEM:**

**Sobre o Estatuto e os Usos das Imagens  
nas Pesquisas Contemporâneas**

**ANO IV - Vol. 3 - Dezembro 2016 - ISSN 2318-1346**

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e  
Saberes na Amazônia**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

ANO 4, Vol. 3, Dezembro 2016 - ISSN 2318-1346

Qualis: B3

Os artigos publicados na Nova Revista Amazônica são indexados por:

LivRe – Revistas de Livre Acesso; latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal; ROAD – Directory of Open Access Scholarly Resources; CiteFactor – Academic Scientific Journals

**NOVA REVISTA AMAZÔNICA<sup>1</sup>**

**DOSSIÊ IMAGEM: SOBRE O ESTATUTO E OS USOS DAS IMAGENS NAS PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS**

**APRESENTAÇÃO 1**

*Dr. Daniel dos Santos Fernandes*

*Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira* \_\_\_\_\_ 5

**CRÔNICAS:1**

**GUAPEHÚ: UM DIA SOBRE O MAR SALVADOR**

*Maria do Socorro Braga Reis* \_\_\_\_\_ 10

**ENSAIOS:1**

**TEATRINHOS ELÉTRICOS: EXPERIÊNCIAS COM IMAGENS NO MARAJÓ DE FLORESTAS**

*José Sena Filho* \_\_\_\_\_ 14

**(DES)CONSTRUAMOS AS CIDADES?: A RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS E PRAIANAS**

*Indira Angela Luza Eyzaguirre* \_\_\_\_\_ 24

**MEMÓRIAFOTOGRAFICA DE PESQUISA DE CAMPO ANTROPOLÓGICA ENTRE OS MACUXI DA ÁREARAPOSA-SERRA DO SOL NOS ANOS 1990.**

*Geraldo Barboza de Oliveira Junior* \_\_\_\_\_ 381

**AS CRIANÇAS RIBEIRINHAS E O RITO DO BANHO DE RIO**

*Cristiane do Socorro Gonçalves Farias* \_\_\_\_\_ 45

**RETRATOSDE SORRISOS: PÚBLICO E PRIVADO ENTRE POLICIAIS MILITARES**

*Fernanda Valli Nummer* \_\_\_\_\_ 54

**BRINCANDO NO SÍTIO: CRIANÇAS, CULTURA MATERIAL E PASSADO NA  
AMAZÔNIA**

*Márcia Bezerra* \_\_\_\_\_ 611

**“NENHUMA A MENOS”: OLHARES SOBRE O MIÉRCOLES NEGRO EM BUENOS  
AIRES**

*Ana Mabell Seixas Alves Santos*

*Patricia Seixas Alves Santos* \_\_\_\_\_ 68

**VESTÍGIOS, RUÍNAS E OS SENTINELAS DA MEMÓRIA FERROVIÁRIA DO RIO  
GRANDE DO SUL: ENSAIO ETNOFOTOGRAFICO NAS CIDADES DE PELOTAS E  
PORTO ALEGRE**

*Yuri Schönardie Rapkiewicz*

*Guillermo Stefano Rosa Gómez* \_\_\_\_\_ 82

**VÍDEOS:1**

**COTIDIANO DOS "SILÊNCIOS": MOMENTOS DE PLANTIO EM AGRICULTURA  
FAMILIAR**

*Daniel dos Santos Fernandes*

Sinopse \_\_\_\_\_ 96

**DIA DA ILUMINAÇÃO: UMA RELAÇÃO ENTRE A VIDA E A MORTE**

*Maria do Socorro Braga Reis*

Sinopse \_\_\_\_\_ 971

**UMA VIAGEM AOS SABERES DOS MORADORES DA VILA QUE ERA**

*Jocenilda Pires de Sousa*

*Maria do Socorro Braga Reis*

Sinopse \_\_\_\_\_ 99

**OLEIROS DA “FAZENDINHA”: ENTRE O CAPITAL E O SABER ECOLÓGICO NA  
PRODUÇÃO DA CERÂMICA CAETEUARA**

*Aline Costa da Silva*

*Lorram Tyson dos Santos Araújo*

*Francisca Galeana Salgado*

Sinopse \_\_\_\_\_ 1011

**GENTES PEIXES E AVES**

*Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: Memórias e Imaginários na Amazônia*

Sinopse \_\_\_\_\_ 1031

## APRESENTAÇÃO

"...tanto a fotografia quanto o filme ou vídeo e o som registrados enraízam-se no interior da consciência imaginativa daquele que é o criador, razão pela qual a imaginação é a recondução dos objetos sensíveis no mundo das ideias e vice-versa: expressividade dos gestos, a restituição de uma atmosfera, a transmissão das emoções etc."

Gilbert Durand

Nesta edição a *Nova Revista Amazônica*, se propôs a articular duas formas de linguagens cujos significados são bastante carregados de debates e controvérsias no contemporâneo, principalmente quando se trata de refletirmos sobre a sua utilização simultânea na construção textual no campo acadêmico, quais sejam: a linguagem escrita e a linguagem imagética. Assim, a proposta do número 8 com a temática "DOSSIÊ IMAGEM: Sobre o Estatuto e os Usos das Imagens nas Pesquisas Contemporâneas" é a de instaurar o debate acerca do estatuto e dos usos das imagens em pesquisas acadêmicas em diferentes áreas do saber, que considerem a potência das imagens não apenas como viabilidade hermenêutica de realizar leituras interpretativas acerca do mundo e de seus fenômenos, mas, também, de propor narrativas e narratividades estético-visuais a partir desta mesma potência que sejam capazes de ir além da visualidade *per se*, para adentrar no imaginário como possibilidade sensível de acessar o real, ou ainda, de contribuir para as reflexões sobre o falso problema da oposição entre real e imaginário.

Desta forma, aceitou-se trabalhos detentores de distintas formas narrativas estético-visuais e literárias, sob as formas de artigos, de ensaios fotoetnográficos e de pequenos vídeos etnográficos, cujo escopo alcançassem amplo horizonte reflexivo e, assim, contribuíssem para ampliar os campos de estudos sobre a imagem não apenas no contexto amazônico, mas brasileiro. Os trabalhos indicam vetores de reflexão envolvendo as discussões teóricas bibliográficas, distribuindo-se das pequenas comunidades às grandes cidades, portanto, fazem referência às paisagens diversas e apontam para as interações humanas e não-humanas. Uma empreitada intelectual e sensível desta ordem, possibilitou a abertura de espaços reflexivos instigantes, principalmente para pensarmos, mediante o papel heurístico das imagens e o entrelaçamento de alteridades, novos caminhos para o exercício de uma hermenêutica dessas imagens em nossos ofícios acadêmicos.

Cada trabalho problematizou a sua maneira o tema proposto e, a partir de suas motivações, trouxe em seus matizes modos de compreensão e de relação com realidades contextuais que são enriquecedoras do debate, evidenciando que, para além de seus propósitos diversos, estão vinculados à pesquisa, como modo de produção e de veiculação de conhecimentos e reflexões profícuas.

Neste sentido, aproveitamos e manifestamos nosso pensar de que as linguagens escrita e imagética, precisam estar embebidas em certa educação do olhar, para que esta "alquimia" faça girar, em cadeia criativa, não apenas conhecimentos, ou o desenvolvimento de formas artísticas e novas possibilidades culturais, mas um público capaz de perceber esta díade - escrita e imagética - em suas amplas dimensões éticas, estéticas, interpretativas e reflexivas, portanto, como um desafio epistemológico para os nossos dias.

Neste número temos a novidade que denominamos de crônica etnográfica em que a cronista Maria do Socorro Braga conta os momentos em todos estavam a arrumar seus instrumentos de pesca para sair pelo mar e aventurar-se entre os enormes banzeiros que aparecem quando mar é forte e agitado pela força dos ventos. Se a canoa boia, chega a hora de pescar.

Apresentaremos também 8 ensaios etnofotográficos ou fotoetnográficos onde oportunizaremos as interpretações pessoais dos leitores em relação a estas categorias. Adiantando que a revista segue o entendimento de Spini que a etnofotografia sustentaria mais a leitura antropológica a partir da valorização da imagem etnográfica.

Assim, José de Sena Filho apresenta a complexidade da ação, em perspectiva etnofotográfica, quando narra parte do processo de construção da Intervenção de Arte realizada nas duas cidades mais importantes, política e economicamente da Amazônia Marajoara: Soure e Breves. A experiência artística e cultural teve como resultado o documentário intitulado Teatrinhos Elétricos Itinerantes

Indira Angela Luza Eyzaguirre, apresenta um ensaio a partir de sua experiência numa comunidade ribeirinha localizada no rio Arumanduba, uma das 72 ilhas do município de Abaetetuba, e de uma comunidade praiana localizada em Quatipuru Mirim no município de Tracuateua. A autora como alguém que observa o mundo de epistemes misturadas - interiorano e cidadão - num encontro com outras formas de pensar evidenciados nos costumes do cotidiano, mediante a sua curta, mas intensa, convivência nessas duas comunidades.

Geraldo Barbosa de Oliveira Junior, mostra a experiência que obteve a partir do convívio com os Macuxi, quando teria ido além da necessidade etnográfica, pois construiu um espaço de convivência e de admiração pelo povo Macuxi.

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias fala da presença muito forte das crianças, principalmente dos momentos das brincadeiras no rio: a hora do banho no rio. Não como um rito obrigatório, mas como algo que sempre ocorre como prática cotidiana, sem tornar-se obrigação para eles, mas um acontecimento lúdico.

Fernanda Valli Nummer, evidencia as mudanças institucionais que a polícia militar vem passando nas últimas décadas mediante as políticas de proximidade com a população, o aumento da escolaridade exigida nos concursos de ingresso na profissão, as críticas aos excessos cometidos dentro da corporação em nome dos ideais da disciplina e da hierarquia que seriam próprios à militarização.

Márcia Bezerra, sinaliza como as coisas do passado afetam a vida de moradores do entorno de sítios arqueológicos em vários aspectos: elas podem provocar “visagens”, trazer doenças e má sorte, mas também podem ser reunidas em pequenas coleções domésticas, e até incorporadas às brincadeiras infantis.

Ana Mabell Seixas Alves Santos e Patricia Seixas Alves Santos relatam uma caminhada de luto e luta para pressionar o Estado Argentino a agir de forma eficaz no combate à violência contra a mulher e na punição aos agressores.

E Yuri Schönardie Rapkiewicz e Guillermo Stefano Rosa Gómez que fizeram um mergulho nas camadas do tempo, vivenciadas e transmitidas por sujeitos que narram uma cultura operária, dos múltiplos ofícios que integram e integraram o sistema ferroviário brasileiro.

Nosso grande desafio foi apresentar 5 vídeos etnográficos numa atitude de ousadia, expandindo e utilizando mais uma ferramenta imagética em busca de diversidade de leituras antropológicas.

Desta forma, Daniel S Fernandes trabalhou com o cotidiano de uma família no trabalho agrícola e sua interação doméstica pelos “silêncios”. Na Comunidade de Areia Branca, no município de Santa Izabel do Pará/PA.

Maria do Socorro Reis mostra a relação de uma família com o dia da iluminação (finados). Suas crenças relacionadas com a morte e a vida. Na sede do município de Bragança/PA

Jocenilda de Sousa e Maria do Socorro B Reis apresentam alguns dos saberes que fazem parte do cotidiano de moradores de uma comunidade tradicional, na Vila Que Era, no município de Bragança/PA.

Aline Costa da Silva e Lorrain Tyson dos Santos Araújo visibilizam a história de Antônio Maria Macêdo que faz parte da terceira geração de uma família de descendência portuguesa que trabalha na produção da chamada cerâmica caeteuara, em uma comunidade conhecida por Fazendinha, no município de Bragança/PA.

E finalmente, temos o resultado de uma Oficina de Vídeo Etnográfico realizada pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia, cuja intenção era a de captar situações etnográficas em Belém e, a partir daí produzir uma narrativa etnográfica por imagens, a fim de refletirem sobre as interações entre humanos e não-humanos no contexto da Pedra do Peixe, no Ver-o-Peso, na cidade de Belém.

Queremos que nossos leitores se encantem e se sirvam dos referenciais e das temáticas abordadas em cada trabalho, de maneira que possam, também, se tornarem catalisadores da importância heurística da interação das linguagens escrita e imagética na produção do conhecimento na Contemporaneidade.

Bragança, 20 de Dezembro de 2016

Dr. Daniel dos Santos Fernandes

Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

**SOBRE O ESTATUTO E OS USOS DAS IMAGENS NAS PESQUISAS  
CONTEMPORÂNEAS**









# TEATRINHOS ELÉTRICOS<sup>1</sup>: EXPERIÊNCIAS COM IMAGENS NO MARAJÓ DE FLORESTAS

José Sena Filho<sup>2</sup>

Cinema e Teatro já figuraram no arquipélago do Marajó como atividades fundamentais na dinamização das práticas artístico-culturais e convivências sociais de seus moradores, sobretudo, no decorrer da segunda metade do século XX (SENA FILHO, 2013a; COSTA, 2013). Entretanto, até este início do século XXI, tornaram-se quase extintas na vida sociocultural do Marajó. Em Breves, efetivamente, as salas de cinema deixaram de funcionar, dando lugar à outra paisagem urbana, embora se mantenham marcadas na estrutura arquitetônica e na memória de seus moradores, singrando sua passagem por aquela cidade. Já o teatro, para além da memória, se mantém na resistência de grupos locais, que reúnem crianças e jovens da região, re-narrando e re-inventando a experiência com o imaginário local.

Foi com base no estudo realizado sobre as experiências sociais de moradores da região nos espaços de exibição fílmica de Breves (SENA FILHO, 2013a; 2013b; 2014; 2016) que o presente trabalho fundamentou sua proposta. Incentivado pela bolsa de Criação, Experimentação, Pesquisa e Divulgação Artística do Instituto de Artes do Pará, a pesquisa teve o objetivo de dialogar e fazer cinema e teatro junto com moradores da região, numa experiência visual imersiva na realidade sociocultural local contemporânea.

Tendo em vista a complexidade da ação, este ensaio, em perspectiva etnofotográfica, narra parte do processo de construção da Intervenção de Arte realizada nas duas cidades mais importantes, política e economicamente, da Amazônia Marajoara: Soure e Breves. A experiência artística e cultural teve como resultado o documentário *Teatrinhos Elétricos Itinerantes*<sup>3</sup> e dois ensaios fotográficos, ainda inéditos, dos quais trago um, para protagonizar este espaço. Trata-se da experiência com imagens em práticas artístico-culturais na cidade de Breves, Marajó de Florestas<sup>4</sup>.

A Amazônia Marajoara é constituída por duas distintas paisagens físicas e socioculturais: o Marajó dos Campos, constituído pelos municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari,

---

<sup>1</sup> Teatrinhos elétricos era o termo utilizado para se referir ao cinema no início do século XX (JAKOBSON, 1970).

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa Interdisciplinar de pós-graduação em Linguística Aplicada da UFRJ/CNPq. E-mail: senaufjr@gmail.com;

\*Agradeço ao apoio do *Instituto de Artes do Pará* (atual Fundação Cultural do Estado do Pará), ao conceder a bolsa de Criação, Experimentação, Pesquisa e Divulgação Artística, Processo: 2013/203104, a qual viabilizou a realização do projeto, assim como, à equipe marajoara e belenense que tornou possível a efetivação do trabalho.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Tp9K4XrIDU>

<sup>4</sup> Para maiores compreensões ver “As margens do Marajó” de Agenor Pacheco (Paka-Tatu, 2006).

Santa Cruz do Arari, Chaves, Ponta de Pedras e Muaná, e o Marajó das Florestas, conformado pelos municípios de Afuá, Gurupá, Anajás, Breves, Melgaço, Portel, Bagre, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista. O uso dos termos ultrapassa a ideia da paisagem predominante nestes dois lados da região. Sua caracterização é realizada em perspectiva geopolítica para marcar não apenas diferenças físicas, mas também históricas e culturais na constituição de campos e florestas. Outro aspecto é a forma como discursos políticos, midiáticos e, até mesmo, acadêmicos, ao apresentarem o chamado “Marajó”, traduzem-no em imagens homogêneas centradas nas paisagens turísticas da região de campos, invisibilizando a diversidade histórica e cultural dos seus dezesseis municípios (PACHECO & SENA FILHO, 2014, p.208).

Com base nessa compreensão territorial e política, este ensaio imerge na cidade de Breves, buscando experimentar sentidos e formas da realidade social da região de florestas, inscritas nas memórias e práticas artístico-culturais contemporâneas.

No cenário que foi se constituindo, Mario Curica foi o ator social que saltou das bocas dos sujeitos daquela realidade local, inserindo um imaginário fundamental na construção da Intervenção. Mario nasceu em 1898, em Anajás, Marajó de Florestas, e se mudou para Breves em 1946. Tornou-se um dos moradores mais conhecidos da cidade, por ter ajudado a construí-la. Mario abriu ruas, expandiu sua família e marcou seu lugar na história de Breves. Fundamentalmente, era um contador de histórias, bastava interpelá-lo por alguns segundos e logo ele tinha uma história para contar. Essas narrativas pululam até os dias de hoje o imaginário de mulheres e homens breveses, conforme narraram sua neta Raiane Pinheiro e sua filha, dona Maria<sup>5</sup>, e que também pode ser lido no livro “Mario Curica: no imaginário popular brevesense” (GUEDES, 2002).

A partir da imersão na cultura do outro, um modo de conhecer e experienciar o diferente (ECKERT&ROCHA, 2012) foi potencializada, e com base nesse processo, corpos e vozes foram, ao longo das semanas de preparação teatral, reencarnando performances para renarrar os causos de Mario Curica. A imersão na cidade de Breves também buscou capturar imagens daquele cotidiano. Realidades mais afastadas do centro da cidade e que evidenciaram elementos históricos, como os galpões das antigas madeireiras, e as condições de vida das famílias que viviam no seu entorno. Esta imersão foi determinante para decidirmos fazer a Intervenção de Arte na periferia da cidade e não na área central, buscando com isso, entrar em diálogo com outro público, certamente, pouco oportunizado a experienciar atividades artístico-culturais daquela natureza.

Nasciam, então, novas imagens das antigas estórias da cidade que, reinventada, ganhava a praça pública e as redes telemáticas, na atmosfera cultural do Marajó no século XXI<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Entrevistas realizadas em agosto de 2013, na cidade de Breves.

<sup>6</sup> A discussão completa da pesquisa está no artigo ainda inédito *Intervenção de Arte na Amazônia Marajoara*.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Nair Borges. **Memórias do teatro em Breves**: arte, dramaturgia e narrativas de vida. 2013. 52p. Monografia (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) Campus Universitário de Breves/Marajó, UFPA, Breves.

ECKERT, C. & ROCHA, A. Etnografia: saberes e práticas. **Iuminuras**.v.9, n.21, 1-23, 2008.

GUEDES, L. **Mario Curica**: no imaginário popular brevesense. Breves: edição do autor, 2002.

PACHECO, Agenor & SENA FILHO, José. Flashes de Memória: trajetórias do cinema em Breves (Marajó de Florestas - PA). In: SENA FILHO, José. (Org.) **Olhares em movimento**: cinema e cultura na Amazônia Marajoara. Belém: Açai, 2014, p. 207-240.

SENA FILHO, José. **Cinema e Modernidade na Amazônia Marajoara**: vivências em códigos refratados na cidade de Breves. 2013. 152p. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Campus Universitário de Bragança, UFPA, Bragança-PA, 2013a.

\_\_\_\_\_. Vivências em Linguagens - experimentações entre códigos singrados na cultura. **A Palavrada**, v. 3, (Bragança-PA) p. 19-32, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Olhares em movimento**: cinema e cultura na Amazônia Marajoara. Belém: Açai, 2014.

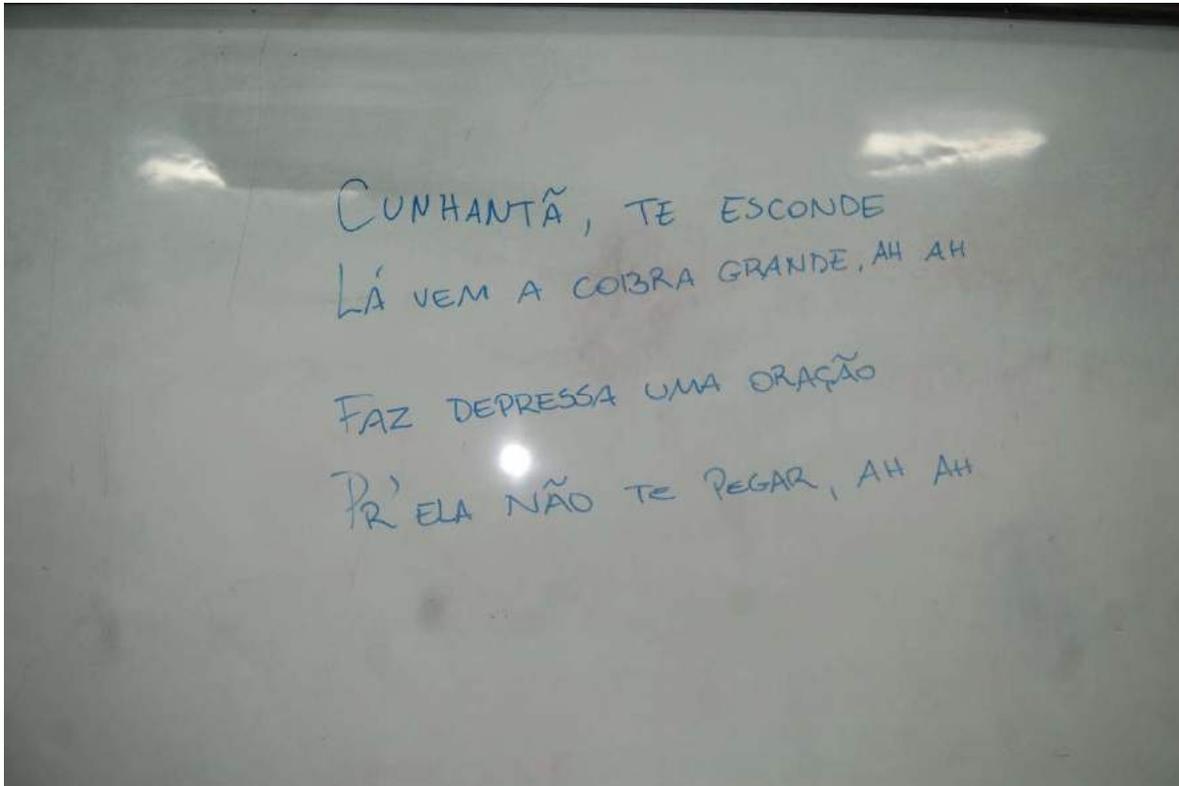
\_\_\_\_\_. Um lugar para o cinema na periferia da Modernidade: o caso da Amazônia na primeira metade do Século XX. In: CALDAS, Cristina; ALENCAR, Larissa; SILVA JUNIOR, Fernando; (Orgs). **Inclusão e preservação de saberes para o bom viver**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2016, p. 453-464.















## **(DES) CONSTRUAMOS AS CIDADES?: A RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS E PRAIANAS**

Indira Angela Luza Eyzaguirre<sup>1</sup>

Percorrendo milhões de quilômetros pelas trilhas aquáticas e terrestres do estado do Pará, motivada pelas questões socioambientais e a curiosidade de encontrar novos mundos com diferentes epistemes, cheguei até uma comunidade ribeirinha localizada no rio Arumanduba numa das 72 ilhas do município de Abaetetuba, e uma comunidade praiana localizada em Quatipuru Mirim no município de Tracuateua. Eu, apenas uma observadora do mundo de episteme misturada (interiorana e cidadina) num encontro com outros pensamentos evidenciados nas costumes do cotidiano da minha curta convivência nessas duas comunidades.

Essas comunidades que ainda resistem, independentemente da classificação como comunidades tradicionais segundo o sistema citadino, cidades que as construídas com recursos comuns definindo o privado do público no de acesso apenas para um grupo, como resultado da segregação baseada no capital econômico. Porém, as gênesis das crises humanas são na cidade, pelo fato de incentivar o individualismo além do nosso individualismo de mundos internos segundo Dumont, diferente da filosofia baseada no coletivismo das comunidades ribeirinhas ou praianas. A imigração ocorre frequentemente pelo direito ao crescimento evidenciado nas estatísticas do progresso econômico, mas não em pro do desenvolvimento coletivo praticado nestas comunidades, inclusive com seus próprios conflitos, para não cair no pensamento das sociedades e natureza selvagem estudado por Diegues. Com tudo, as comunidades que ficam fora do mercado, ou seja, na zona vulnerável segundo os padrões citadinos tem uma resistência ante o sistema pela prática da sua tradição junto com suas costumes e seu conhecimento local, tudo evidenciado nas relações políticas que definem a cultura com a ausência ou presença de conflitos socioambientais.

---

<sup>1</sup> Engenheira Ambiental e estudante de mestrado do programa de Pós graduação em Biologia Ambiental, Universidade Federal do Pará, e-mail de contato: [indiraluza@gmail.com](mailto:indiraluza@gmail.com)

Portanto, se questiona se a construção das cidades devem seguir o modelo de infraestrutura atual?, um modelo que formata as diversas culturas e pensamentos como estas comunidades. Infraestruturas citadinas baseadas no discurso universal de desenvolvimento, sustentado pelos recursos “periféricos” e muitas vezes silenciando no planejamento territorial e ecológico as representações da população emudecendo o conceito de cultura que depende do contexto espaço-temporal, ou segundo Nandy (2015), cultura como linguagem da resistência, como necessidade histórico ante a opressão por causas “nobres” de crescimento científico e tecnológico. A construção das cidades em território latino-americano não legitima as relações de humanos e não-humanos numa realidade tradicional, porém o foco dessas cidades somos nós, híbridos modernos, caracterizados pela individualidade observada na infraestrutura de nossa sociedade “clinkercêntrica” baseada no cimento, o cimento como recurso principal de toda cidade moderna, criticado pelo mesmo conceito de modernidade sujeita as pressões da competitividade num mundo de ganhadores e perdedores, mencionado por Latour (2013) numa dupla tarefa de compreender até o pós-moderno, a dominação e a emancipação. Portanto, a resistência do mundo do sul suportada pela infraestrutura da revolução e os usos de recursos locais como a madeira, recurso que se adapta a toda uma diversidade que define as relações sócio culturais, onde emerge uma filosofia anti “clinkercêntrica” que questiona o progresso como tal:

El desarrollo llegó al mundo del sur como una analogía de dos procesos: la ciencia moderna asociada al evolucionismo y la teoría del progreso, y el colonialismo moderno, buscando legitimidad en una nueva misión civilizadora. El desarrollo heredó de la ciencia la creencia de aumentar el poder de la humanidad sobre el cosmos no humano (QUIJANO 2014).

Com tudo, se evidencia a resistência dos povos ribeirinhos e praianos mediante as costumes e suas infraestruturas misturadas com as estruturas naturais, se adaptando a geomorfologia da natureza de GAIA; diferente da filosofia “clinkercêntrica” pela construção de estradas e a edificação de prédios quadrados e frios em busca do progresso do individualismo. Essas comunidades emergem no vasto território da floresta amazônica, já seja perto do mangue ou perto do rio onde pessoas ficam nas moradias de vanguarda tradicional. Assim, se percorre pelos caminhos aquáticos do rio Arumanduba, uma comunidade ribeirinha, lá em Abaetetuba onde se observo muitas particularidades nessas duas semanas

de janeiro de 2016. Viajando pelas águas desse rio se percebeu as relações humanas fundamentadas num conceito “hidro-geocêntrico” pela relação com a terra pelo roçado e o rio como principal ator destas dinâmicas; assim as casas de madeira da mesma terra nos campos da ilha são levantadas na vera do rio, junto aos navios oferecendo uma visão de diversas cores que contrasta com o verde da floresta e o marrom das casas e do rio. Esses laços fraternais com a terra se vem nas escrituras indígenas nos navios, traduzido ao português como língua cidadina oficial. Assim, se levanta essa comunidade ribeirinha de população misturada entre índio, caboclo, quilombola e o pessoal de fora, quem ficam admirados pelos formatos das casas, direcionadas ao rio que guarda a episteme da comunidade; essas casas de diversas cores com janelas que ficam abertas para o vento entrar no interior e trazer com ele às partículas de tradição. Frente às casas fica o rio Arumanduba, que é o provedor de alimento ribeirinho pelo peixe, arraia e camarão oferecido, e por trás caminhando uns quantos metros fica o outro sustento: à roça e as árvores de terra firme como o açaí, que é apanhado, coletado e batido pelos mesmos comunitários para o almoço e a janta, dois vezes por dia os 365 dias do ano. A conexão do rio com a terra, e da terra com a roça estão plasmadas também nas trilhas de madeira unidas entre as casas, por onde se percorre de um calor familiar ao outro; essas trilhas por onde caminham os mais velhos, os adultos, os jovens e onde é o lugar das brincadeiras das crianças, claro como toda dinâmica social estas trilhas conectam o humano e não-humano, a diferença das estradas de cimento baseado no clinker na cidade de Abaete. O significado de trabalho para estas comunidades é completamente outro, um trabalho para o sustento dentro do cotidiano com vista ao rio, esse rio por onde passam navios, pessoas, mentes e representações observadas desde o interior de uma casa no interior da cidade, através da janela de madeira que conecta a sala de reunião onde os visitantes chegam e pelo outro lado a floresta da outra ilha conectada pelo mesmo rio. Por tanto, esta viagem imagética termina no dia com o pôs do sol e com o regresso a casa, desde à vera de uma ilha numa comunidade ribeirinha, pelo popopô até o pneu do ônibus que é suportada pela infraestrutura cidadina.

Do mesmo modo, como esses caminhos aquáticos ribeirinhos guiam até comunidades de terra firme, outros caminhos mais ao nordeste do Pará, uma semana de junho de 2016 me encaminharam pelo rio Quatipuru até a sua comunidade praiana. Esta comunidade guarda nas suas estruturas de madeira pensamentos conectados a esse não-humano: o mar; que se conecta com os pensamentos individuais dos coletivos familiares através das trilhas de areia que dão uma bem vinda às pessoas que vem de fora no

popopô, depois da viagem no ônibus desde o município de Tracuateua. Assim, se chega até a vera desta comunidade praiana de casas de madeira do mangue ou de te terra firme, mas sempre conectando as estruturas naturais de GAIA com as infraestruturas dessa mesma natureza. Tudo numa simples e natural adaptação ante à erosão eólica e hídrica, numa resiliência junto com a resistência deste povo ante a imigração pelo progresso que oferece as metrópoles junto com o trabalho remunerado que modifica as dinâmicas desta comunidade. Mas, com tudo isso os comunitários mais velhos (em sua maioria pescadores artesanais) preferem apenas ir a esta metrópole apenas pelo acesso a alguns bens como a água e voltar para suas casas de madeira, com janelas sempre abertas para o vento do mar entrar e ver essa enigmática paisagem depois do laborioso intercâmbio mercantil cidadina. De tal modo, esses espaços de areia suportam as dinâmicas de pesca artesanal na vera e de alto mar, até os instrumentos e ferramentas que os pescadores usam são da própria GAIA, como os paus para os currais, é claro as dinâmicas mercantis cidadinas dão aceso a materiais como as redes que eles usam no seu cotidiano, pescando guiados pelo seu conhecimento astronômico mediante as estrelas, astros e constelações. Assim como as casas, estão os ranchos que fazem contraste com a paisagem do lugar, na vera a praia invadida pela areia e acima os ranchos, infraestruturas construídas das estruturas arbóreas e a poucos metros os campos onde ficam outros ranchos, que servem como armazém do carvão elaborado nas caeras construídas pelas próprias mulheres. Tudo converge nos laços culturais arraigados à terra de areia evidenciado nas festas e festivais, onde emergem diversos pensamentos individuais como parte do conhecimento local coletivo. Também essa areia que suporta à comunidade praiana de Quatipuru Mirim é lugar das brincadeiras coletivas transmitidas culturalmente pelas gerações anteriores; olhando às crianças olhar no alto vasto do firmamento no ir e vir do papel das pipas, na brincadeira de soltar os papagaios. Por tanto, esta narrativa imagética termina com esta viagem visual dentro de uma alteridade no olhar desde o interior de uma casa de madeira no interior de uma comunidade praiana, finalmente só fica aguardar a noite deixar invadir o céu junto com todas suas estrelas e ver o pessoal da comunidade na vera das suas casas contando piadas ou conversando do seu cotidiano, só coisas relevantes.

Depois de conhecer as diferentes culturas de resistência das comunidades no interior do Pará, se pode questionar os modelos citadinos baseado em infraestruturas de cimento legitimados pelo planejamento territorial que define e até certo ponto impõe modos de viver formatando assim pensamentos, representações, identidades e assim a própria cultura. Porém, se deve avaliar se é preciso construir mais

metrópoles ou no caso, desconstruir essas políticas impositivas para transformar em políticas diferenciadas que incluam os povos e suas representações sobre seu território e espaço.

### REFERÊNCIAS

NANDY, Ashis. **A imaginação emancipatória. Desafios do século 21**. Tradução de Joannes de Knegt. Brasil. Editora UFMG. 2015.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos, ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34. Terceira edição. Brasil. 2013.



















## MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DE PESQUISA DE CAMPO ANTROPOLÓGICA ENTRE OS MACUXI DA ÁREA RAPOSA-SERRA DO SOL NOS ANOS 1990.

Geraldo Barboza de Oliveira Junior<sup>1</sup>

Os Macuxi foram minha primeira experiência etnográfica com povos indígenas. Nos anos 1990 fui aprovado em um concurso para professor de Universidade federal de Roraima. Nesta oportunidade fui, também, convidado por amigos indígenas (que conhecia da época que tinha sido repórter em jornais de Roraima) a visitar a maloca da Raposa, considerada a capital da Raposa-Serra do Sol. Nesta ocasião, fui recebido pelo Tuxaua (in memoria) Caetano Raposo e sua família. Os momentos vividos em companhia de minha filha (na época com 03 anos de idade) foram divididos com seus familiares.

A experiência que obtive com o convívio com os Macuxi, foi além da necessidade etnográfica. Estabeleceu-se um espaço de convivência e admiração pelo povo Macuxi. A visita inicial cedeu espaço a momentos mais ricos. Conseguimos, via UFRR, implantar um curso de Pedagogia na Maloca da Raposa exclusivo para alunos indígenas. Oportunamente, fiz da Área Indígena Raposa-Serra do Sol meu campo de pesquisa para o mestrado. Tive êxito. Cursei e defendi dissertação sobre os Macuxi e sua relação com as políticas de desenvolvimento na região.

São estes momentos que, passados mais de 20 anos, divido agora através de parte da memória visual desta experiência. É a antropologia visual, não apenas coadjuvante no processo de construção etnográfica. Em algumas situações, as fotos *falam* por si. De acordo com Barthes (1984:49):

Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão – ela fornece de imediato esses ‘detalhes’ que constituem o próprio material do saber etnológico.

As fotos abaixo, tiradas nos anos 1990 durante o trabalho de campo na Maloca da Raposa, são parte desta memória acadêmica e afetiva. As fotos foram “devolvidas” à comunidade em dois momentos distintos: logo após os trabalhos de campo e, novamente, no ano de 2016 (para os filhos-já adultos- de Caetano Raposo).

Neste trabalho, oriento-me pelo referencial proposto por Achutti (1997:12-13) que cita:

---

<sup>1</sup> Antropólogo Mestre. Membro do IDEIA-RN: Instituto de Desenvolvimento, Planejamento e Educação Ambiental.

“Através de uma abordagem descritiva, em que a principal forma de narrar é o uso de imagens, através de um exercício de uma antropologia visual, utilizando a técnica fotográfica – uma fotoetnografia – busco investigar os elementos com os quais esta população constrói os traços de sua identidade...

(...)

...busco pensar e desenvolver a própria antropologia visual como linguagem como uma linguagem e um olhar, capaz de, no processo de conhecer, nos dar *dados*. Procuo, teoricamente, trabalhar a questão da imagem em seu potencial *descritivo* e suas históricas conexões com a antropologia

(....)

A proposta aqui é a do emprego da antropologia visual enquanto um recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social.”

As respostas, em ambos, os momentos foram de gratidão e reconhecimento de uma importância histórica dos fatos lembrados. Na atualidade, as redes sociais dão maior visibilidade aos dados mostrados. As fotos se transformam em histórias e garantidoras de uma memória que legitima uma identidade. Os Macuxi da Raposa-Serra do Sol no fim do Século XX.

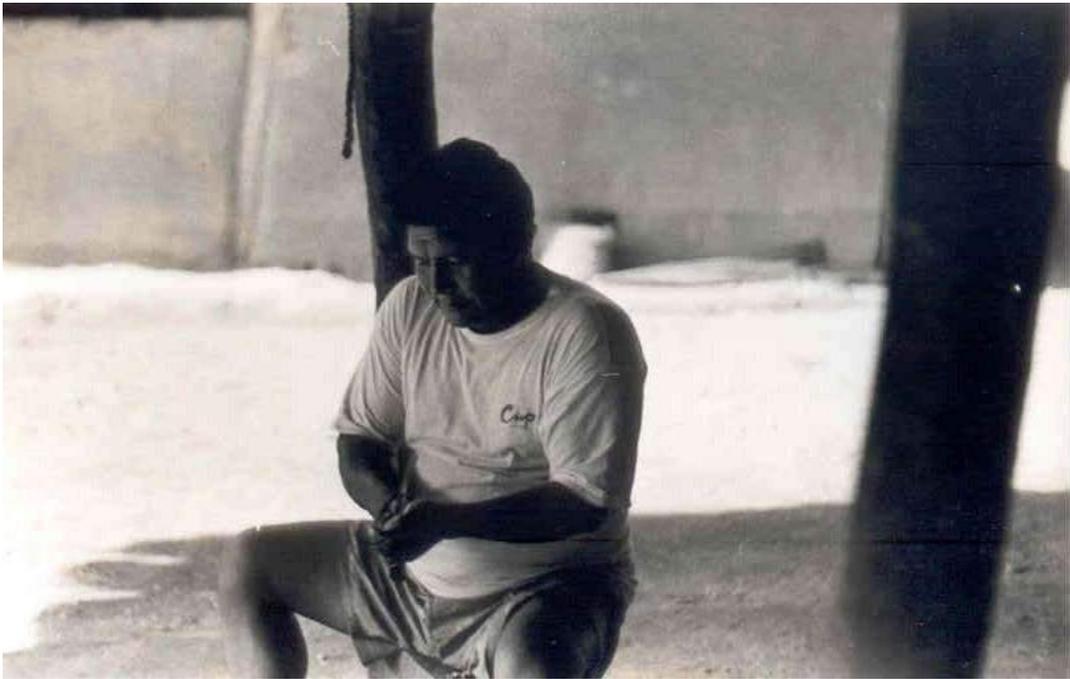
Na atualidade, os Macuxi mantem sua relação com a sociedade local (e externa), ao mesmo tempo, intensa e sem comprometer seus valores culturais. Se afirmam como indígenas, rejeitando o termo *Caboclo*, falam e escrevem em Macuxi, promovem festivais culturais, ressaltando sua gastronomia, sua religiosidade e a sua relação com o meio ambiente como elementos definidores de sua identidade étnica.

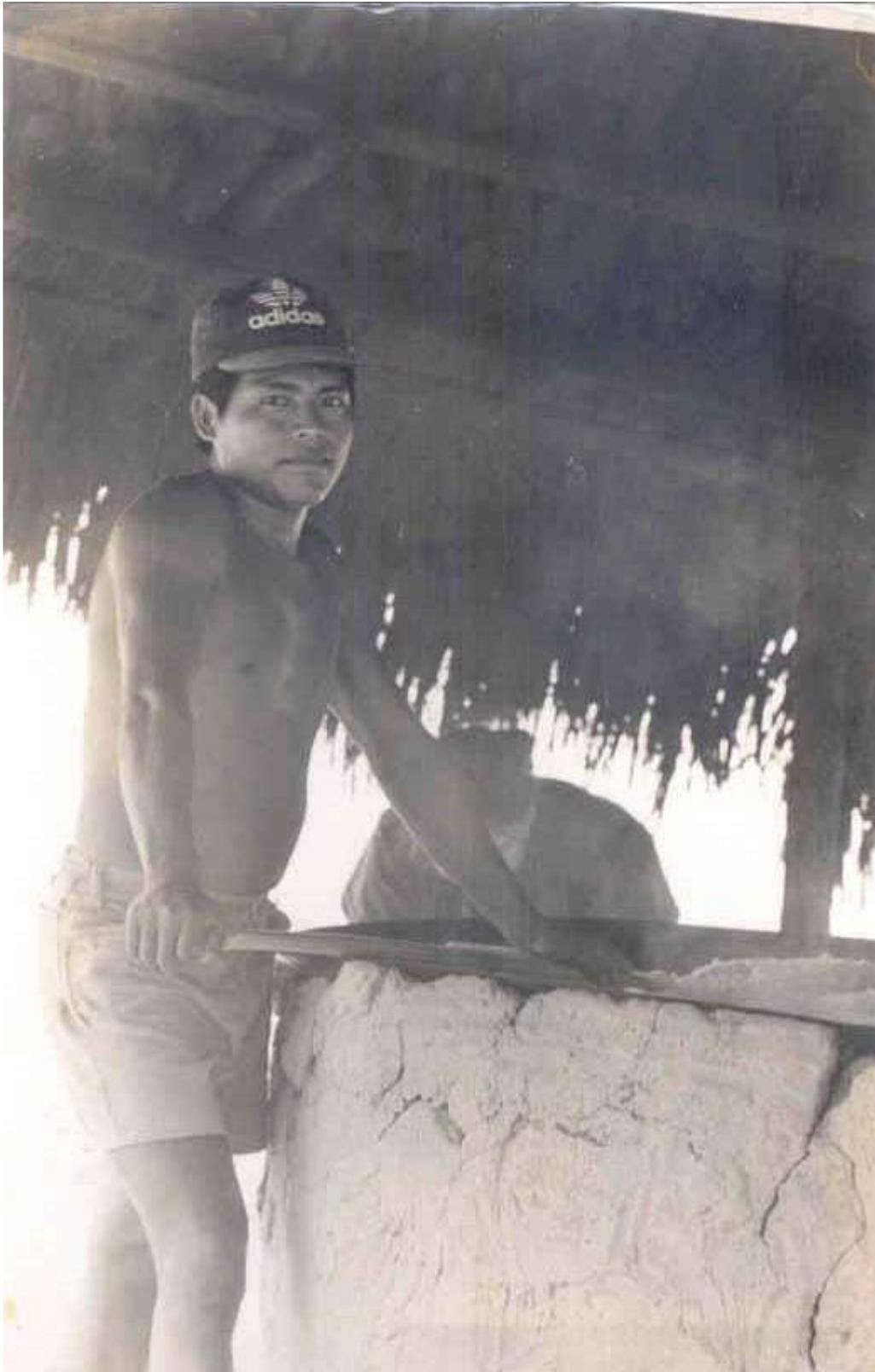
Atualmente, os jovens usam (bastante) os meios de comunicação e redes sociais; dispensando, assim, *novos* pesquisadores externos à sua cultura. Estas fotos, então, se prestam a preencher lacunas de um passado recente e; ao mesmo tempo, homenagear o Tuxaua Caetano Raposo.

## REFERÊNCIAS

**BARTHES**, Roland. A Câmara Clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

**ACHUTTI**, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.











## AS CRIANÇAS RIBEIRINHAS E O RITO DO BANHO DE RIO

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias<sup>1</sup>

Ao fazermos o percurso de um rio durante uma pesquisa podemos perceber a relação dos vários atores sociais com o meio no qual estão inseridos, aqui no caso, o rio e as matas. A presença das crianças é muito forte, principalmente na hora da brincadeira no rio, a hora do banho no rio. Não como um rito obrigatório, mas como algo que sempre acontece da mesma maneira, sem tornar-se obrigação para eles, um acontecimento natural.

O rio, que é fonte de alimento, lugar de enchentes e vazantes que levam os adultos a buscarem o pão nosso de cada dia. No entanto, não é somente lugar de labor, lugar de pesos do trabalho. O rio é brincalhão. As águas muitas vezes são leves, suspensas de problemas e de lamentos. Se toda a criança, desde o ventre de sua mãe, já tem intimidade com as águas, pois estão envoltas no líquido que as permitem viver, o que dizer das crianças que nascem dos ventres que se banham todos os dias nos rios? Margaret Mead (apud COHN, 2005,14) firma que “crianças existem em toda parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural”.

As águas, que já alimentam as crianças em suas andanças de casco pelo rio, como alimentava Biá, personagem da obra literária *Chão de Lobos* de Dalcídio Jurandir<sup>2</sup>, nos retornos da escola, e que ainda não entendia a diferença social em que vivia: “Biá voltando remando, apanhava pelo rio algum taperebá que ia roendo, roendo”, é a mesma para muitas crianças hoje, nos revela que apesar das dificuldades, a criança ainda está ali. A criança apresenta a inocência e a pureza, associando às águas, assim como para Bachelard (2013) as “águas primaveris” possuem “o frescor”, pois “ela embala como uma mãe”. Possuem o frescor e a segurança ao comparar o embalo de uma mãe com os

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia. Universidade Federal do Pará. Campus Universitário de Bragança. Email: kissfarias@hotmail.com

<sup>2 2</sup> In: *Chão de Lobos*. Rio de Janeiro, Record, 1976. Texto retirado do livro *Texto e Pretexto: Experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos*, de Fares et all. vol.I CEJUP,1992.

embalos da água, As águas aqui nesse momento são para mim, as águas calmas que embalam as crianças a se jogarem, literalmente, em seus leitos, realizando mergulhos muito profundos.

O momento do mergulho é o momento do silêncio, nada se escuta a não ser o coração, o corpo fica de bubuia entre as águas: sutil flutuação, dono do mundo, tudo se pode fazer, quase peixe, quase boto, quase cobra, por uns instantes eternos, somos seres pertencentes àquelas águas. Parecidos com Missunga de Dalcídio (2008), que imaginava os seres dormindo no fundo. E o devaneio infantil perdura até o momento em que a falta de oxigênio manda emergir. É necessário estarmos atentos e entendê-las, e ao mundo que as rodeia, pois, “as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura” (COHN, 2005, p.16). Precisamos estar abertos para entender a dimensão do envolvimento das crianças ribeirinhas com todo o meio que as envolvem, céu, floresta e rio. Essas crianças já nascem predispostas a serem íntimas das águas.

Primeiro, aprendem a entrar nelas para acontecer a relação de confiança. A partir daí as primeiras nadadas, os primeiros mergulhos perto do trapiche, até conseguirem, sozinhas, mergulhar e aprender a voltar, não existe mais medo é somente a vontade de estar ali, uma espécie de “inocência e contemplação íntima” Bachelard (23: 2013).

Rio e crianças, crianças e rios. A hora do banho é a hora do encontro, do grande falatório, hora de mexer com a s águas, parecem brincarem juntas. É hora de quem sabe nadar ensinar quem não sabe a hora das melhores brincadeiras. E as primeiras braçadas vão sendo treinadas. Crianças chegam de todas as casas: uma, mais uma, e mais e mais e tudo está perfeito. E começam-se as brincadeiras: pega-pega, pira-pega, luta, quem demora mais no fundo<sup>3</sup>. Mergulha-se. Mas o lugar para boiar ninguém se atreve a adivinhar, a água lhe deixa invisível Mas para os maiores, a preferida é o salto. Procura-se a ponto mais alto que os distancie das águas para impressionar. A hora dos pulos espetaculares, onde o saltador é a atração, a plateia é garantida. A melhor hora do dia. Não tem escola, não tem tarefa, não tem nada, é só o corpo e as águas.

As brincadeiras dentro e fora das águas são todas carregadas de simbolismo, por isso “seremos menos capazes de entender o que elas fazem nessas brincadeiras se não

---

<sup>3</sup> Nome dado às brincadeiras. Primeiro vota-se em um, que vai em seguida tentar pegar o segundo. E então, a tarefa de pegar uma outra pessoa passa a ser deste, e assim sucessivamente até não terem mais fôlego.

entendermos a simbologia que as embasam, e essa simbologia extrapola o mundo das crianças” (COHN). As águas vazantes junto com o chamado das mães avisando a hora da saída. Hora triste e de frio. A saída é forçada. Dessa saída já contava, com muita simplicidade, Celina (1997, p, 130) ao afirmar que “para nós, crianças, ô farra, só saímos do igarapé aos ralhos, de beijo roxo, dedos engelhados e dormentes, a água era um gelo”.

Depois da saída as águas voltam à calmaria e seguem seu percurso...

### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad Antonio e Pádua Danesi. –2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,2013.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2ª ed. ZAHAR.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. – 4. ed.- Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro; Casa Rui Barbosa, 2008. Coleção Ciclo do extremo Norte)













## RETRATOS DE SORRISOS: PÚBLICO E PRIVADO ENTRE POLICIAIS MILITARES<sup>1</sup>

Fernanda Valli Nummer<sup>2</sup>

O “*devir-imagético* encaminha uma nova percepção da alteridade” (Gonçalves; Head, 2009, p. 30), basicamente uma expressividade criativa na arte do trabalho com imagens na antropologia. As imagens que compõem este ensaio etnofotográfico foram produzidas por uma interlocutora de pesquisa para a minha apresentação de defesa de tese de doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2010. À época, comentei com ela que todas as fotos que tinha de meus interlocutores fardados e sorrindo, tanto da pesquisa do mestrado (Nummer, 2005), quanto do doutorado (Nummer, 2016), não foram autorizadas, por eles, a serem divulgadas. Ela prontamente se propôs a fazer as imagens e disse “vai ser difícil, mas eu faço eles rirem”. As imagens foram primeiramente autorizadas apenas para a apresentação da tese em slides e apenas, este ano em 2016, para publicação. Cabe destacar que é importante para o objetivo deste ensaio, são as mudanças institucionais que a polícia militar vem passando nas últimas décadas com políticas de proximidade com a população, aumento da escolaridade exigida nos concursos de ingresso, críticas aos excessos cometidos dentro da corporação em nome dos ideais disciplina e hierarquia da militarização.

Na profissão policial militar a farda é uma das referências simbólicas produtoras de identidade, pois ela consagra o processo de socialização profissional e faz ver a condição social do sujeito (Nummer, 2005). Bourdieu (2014, p. 86) analisando a oposição público e privado e destaca que a separação “público/privado, oficial/oficioso, público/oculto impõem-se ao máximo aos homens públicos”. Para além desta análise o autor ainda reforça que há um laço entre o público, o visível e a moralidade e que nas estruturas mentais, da maioria das sociedades, há uma oposição entre o privado, o do desleixo, o do descontrole e o público, o da compostura, o do cuidado e do controle.

Acreditamos que um sorriso<sup>3</sup> de um indivíduo público pode romper com os limites morais de posturas e gestos prescritos para o uso desta vestimenta, pois manifesta características privadas

---

<sup>1</sup> Meus sinceros agradecimentos a Soldado Liane Cardoso, do Comando Regional de Policiamento Ostensivo do Vale do Taquari, Lajeado, Rio Grande do Sul, pela produção das imagens e pela interlocução em muitos anos de pesquisa.

<sup>2</sup> Socióloga, Dra em Antropologia Social, Professora IFCH-UFPA, Campus Belém. E-mail: nummer@ufpa.br.

<sup>3</sup> Sobre as teorias do riso, ver Minois (2000).

da pessoa que não devem ser explicitadas no exercício da função. Especialmente, o que se se refere aos padrões de compostura ensinados nos cursos de formação, que variam culturalmente entre as instituições e de acordo com os as situações vivenciadas pelos policiais nos diversos tipos de trabalho executados, atividades administrativas ou operacionais de policiamento.

Assim, a relação entre o fardamento e o sorriso, parece estar muito mais associados ao que Goffman (2009) chamou de regulação e controle da conduta na interação no sentido de que a imagem para os outros, aquelas que saíam nos “meus relatórios” sejam da personalidade pública, indicada por Bourdieu (2014).

A relação que este grupo tem com a imagem que é produzida por pessoas de fora da corporação, especialmente pelos meios de comunicação de massa, é muitas vezes de desconfiança. Geralmente são retratados fardado em situações de violência e suas condutas nestas imagens são avaliadas pela corporação e pelo público em geral, resultando em punições disciplinares ou desvalorização profissional. As consequências sociais da exposição pública, tanto de erros quanto de atos considerados heroicos são carregadas nas trajetórias de vida.

O relato da produção deste ensaio etnofotográfico é mais um exemplo da importância da densidade do trabalho etnográfico e da autêntica interlocução com os pesquisados para a compreensão de que o *devir-imagético* é uma relação, em que outras formas de apresentação e representação do outro são possíveis.

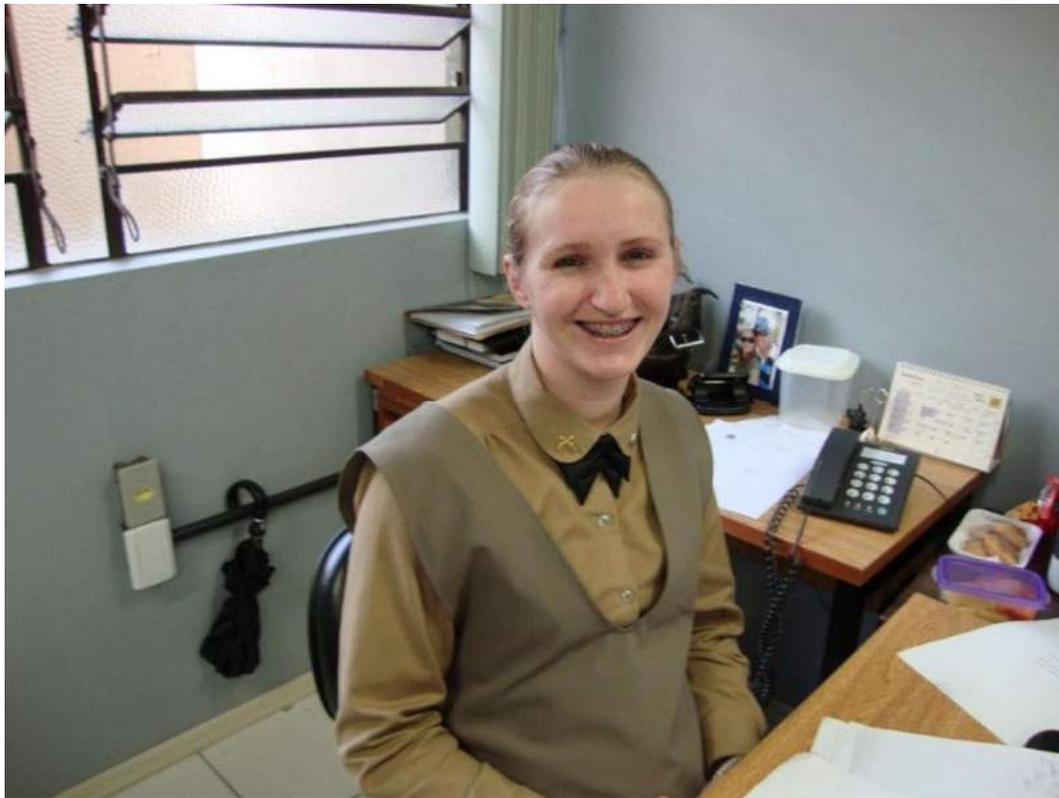
## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o estado**: Cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo; Companhia das Letras, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 2009.
- GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (org.). **Devires Imagéticos**: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2000.
- NUMMER, Fernanda Valli. **Ser polícia, ser militar**: o curso de formação na socialização do policial militar. Niterói: EDUFF, 2005.
- NUMMER, Fernanda Valli. **Estilos de vida entre soldados da polícia militar**: “ser brigadiano” ou “trabalhar na brigada”. Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.











## BRINCANDO NO SÍTIO: CRIANÇAS, CULTURA MATERIAL E PASSADO NA AMAZÔNIA.

Márcia Bezerra<sup>1</sup>

“(...) a criança não sabe menos, sabe outra coisa”.

(COHN, 2005: 33)

É comum andar pela Amazônia e encontrar casas assentadas sobre sítios de terra preta arqueológica (TPA)<sup>2</sup>, urnas funerárias usadas como recipientes para o armazenamento de água e farinha e machados polidos como pesos de porta. Essas *coisas do passado* afetam a vida de moradores do entorno de sítios arqueológicos em vários aspectos: elas podem provocar “visagens”, trazer doenças e má sorte, mas também podem ser reunidas em pequenas coleções domésticas e até incorporadas às brincadeiras infantis. Há uma significativa produção bibliográfica sobre a materialidade produzida por sociedades indígenas da Amazônia (SANTOS-GRANERO 2009, entre outros), mas, como já apontou van Velthem (2007), pouca atenção foi dada à cultura material associada a outros coletivos da região, como agricultores, pescadores artesanais e ribeirinhos. A lacuna ainda é maior se pensarmos no repertório material da arqueologia. O lugar/papel dos *objetos indígenas de longa duração* no cotidiano desses outros segmentos sociais tem sido pouco considerado pelas pesquisas acadêmicas.

Um crescente número de pesquisadores tem procurado repensar o estatuto dessas coisas do passado para essas comunidades (BEZERRA e CABRAL 2014; SCHAAN 2007). Apesar disso, observa-se uma carência de investigações voltadas, especialmente, para as crianças que moram no entorno de sítios arqueológicos na Amazônia. Os estudos tratam das relações entre os moradores, os sítios e os objetos arqueológicos, sem, contudo, delimitar os distintos atores que constituem essas coletividades. Bezerra (2011) e Ravagnani (2011) desenvolveram pesquisas sobre crianças moradoras da Vila de Joanes, na ilha do Marajó, e indicaram certo protagonismo infantil na formação de coleções de objetos arqueológicos. A coleta de objetos faz parte de uma atividade competitiva entre crianças da vila. Elas selecionam as peças por critérios, que vão desde a percepção estética até a antiguidade estimada por elas mesmas. Essa prática se repete em várias

---

<sup>1</sup> Doutora em Arqueologia/USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/PPGA, Universidade Federal do Pará/UFPA. E-mail: [marciabezerrac14@gmail.com](mailto:marciabezerrac14@gmail.com)

<sup>2</sup> Resultantes de ação antrópica no passado têm sedimentos potencialmente férteis, o que os torna atrativos para a agricultura.

localidades da Amazônia, como na região do Salgado, município de Primavera, no Pará. Na beira do Rio dos Cacos, um extenso sítio de TPA sustenta sobre ele várias casas. O chão pontilhado de fragmentos cerâmicos parece formar um novo piso de ocupação na superfície. A casa de pau-a-pique emerge imponente sobre o montículo que constitui o sítio. Ali o passado e o presente vivem, cotidianamente, juntos. Os cacos que dão nome ao rio não são considerados como brinquedos pelas crianças, mas são objetos de brincadeiras. A sua abundância confere ambiguidade ao seu tratamento: ora são selecionados, reunidos e guardados, ora são descartados. Para alguns moradores de localidades próximas, os objetos arqueológicos: “nasce[ram] da terra mesmo”. É como se o lugar instaurado pelos cacos fosse em si uma fonte inesgotável de coisas, de seres e de histórias. Para as crianças, as bordas do sítio fazem parte de seu *lugar de brincar*: o sítio, o rio e a mata configuram os seus domínios fora da casa e da visão dos adultos. Wilkie (2000: 110) afirma que as crianças criam seus “espaços e paisagens sociais” para ter, tal como os adultos, privacidade. Assim, a fruição com o sítio e suas coisas se dá de forma mais intensa do que ocorre com os mais velhos, que muitas vezes preferem se manter distantes, ainda que morem em cima dos sítios. As crianças transitam pelo sítio, criando caminhos e desafiando os seus assombros. Para elas, aquela não é uma paisagem estranha, posto que as brincadeiras lhes dão certo controle sobre o lugar.

É preciso investir em pesquisas que reconheçam a importância da constituição dessas *paisagens das crianças* e que reflitam sobre o caráter lúdico-mágico dos lugares e coisas arqueológicas que estão, inexoravelmente, ligados à história indígena e à vida cotidiana na Amazônia<sup>3</sup>.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia. As Moedas dos Índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 53-70, 2011.

BEZERRA, Marcia e CABRAL, Mariana (Orgs). Dossiê: Arqueólogos e Comunidades Locais na Amazônia. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 6, n. 2, 2014.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

RAVAGNANI, Luis R. **O passado, o sítio e a escola**: as relações entre a comunidade escolar e o sítio histórico de Joanes (PA-JO-46). Monografia/TCC. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SANTOS-GRANERO, Fernando. **The Occult Life of Things**: native amazonian theories of materialization and personhood. Tucson, University of Arizona Press, 2009.

---

<sup>3</sup> Crianças: Cauã e Breno (Marajó); Adriana e Jelson (Primavera).

SCHAAN, Denise P. Múltiplas Vozes, Memórias e Histórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico na Amazônia. **Revista do Patrimônio**, n.33, p. 109-129, 2007.

van VELTHEM, Lúcia H. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 50, n.2, p. 605-631, 2007.

WILKIE, Laurie. Not Merely Child's Play: creating a historical archaeology of children and childhood. In: **Children and Material Culture**. Editado por Joanna S. Derevenski, Routledge, 2000, p. 100-113.











## “NENHUMA A MENOS”: OLHARES SOBRE O MIÉRCOLES NEGRO EM BUENOS AIRES<sup>1</sup>

Ana Mabell Seixas Alves Santos<sup>2</sup>  
Patricia Seixas Alves Santos<sup>3</sup>

*¡Somos las mujeres que se plantan siempre por aborto libre seguro y legal! ¡Salimos a la calle! ¡Vivas nos queremos y organizadas por ni una menos vamos a luchar!*

(Coro entoado durante o Miércoles Negro)

Era o fim da tarde de 19 de outubro de 2016 em Buenos Aires, Argentina. Apesar do frio e da chuva, o movimento na Avenida 9 de Julio aumentava a cada minuto. Não era, porém, o fluxo intenso que habita o cotidiano, aquele esperado e compatível com o centro da Capital Federal. Era um fluxo cromático, paciente e silencioso que surgia das transversais em direção ao Obelisco. As vestes negras e as bandeiras azuis com sóis dourados portadas por alguns homens e por muitas mulheres – algumas delas acompanhadas dos filhos – anunciavam a razão do movimento incomum: era o Miércoles Negro que aguardava nos cafés, nas esquinas e nas bancas de revistas.

Era uma caminhada de luto e luta para pressionar o Estado a agir de forma eficaz no combate à violência contra a mulher e na punição aos agressores. Era o ápice de um ato iniciado pouco antes, às 13h, quando mulheres paralisaram suas atividades em nome daquela que seria a primeira greve nacional de gênero registrada na Argentina.

Além destas reivindicações, outras razões para o protesto foram a campanha pela legalização do aborto, a repressão policial contra as participantes do 31º Encontro Nacional de Mulheres, ocorrido em Rosário no dia 9 de outubro, e a indignação causada pelo assassinato da adolescente Lucía Pérez, de 16 anos, que foi drogada à força, estuprada e empalada quatro dias antes, em 15 de outubro, na cidade de Mar del Plata.

O Miércoles Negro foi convocado por mais de cinquenta coletivos, entre os quais organizações não governamentais, sindicatos e partidos políticos. A diversidade de iniciativas era percebida nas faixas, bandeiras e cartazes exibidos por mulheres de diferentes faixas etárias e estratos sociais. Dentre os grupos que organizaram a marcha,

---

<sup>1</sup> Ensaio etnofotográfico submetido à Nova Revista Amazônica nº 08: Dossiê Imagem: Sobre o estatuto e os usos da imagem nas pesquisas contemporâneas.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA); e-mail: belseixas@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA); e-mail: paguseixas@yahoo.com.br.

o chamado “Ni Una Menos”, que havia realizado sua primeira manifestação em 2015, foi transformado em palavra de ordem nas vozes que entoavam “*¡Ni una menos, vivas nos queremos!*” – “nenhuma a menos, nós nos queremos vivas”, em tradução livre – consubstanciando uma demanda comum aos coletivos: a prevenção dos feminicídios. Segundo estatísticas da Corte Suprema de Justiça da Argentina, 235 mulheres foram assassinadas no ano de 2015, o que equivale a uma ocorrência a cada 36 horas.

A situação é semelhante em outros países da América do Sul. O feminicídio, face mais extrema da violência de gênero, tem mobilizado ações educativas, mudanças na legislação e ações de ativismo também no Brasil. Diante da relevância e amplitude do tema, este ensaio etnofotográfico oferece alguns olhares sobre este momento singular que presenciamos, desde as mãos dadas que exigiam a interrupção do tráfego de veículos às mensagens anônimas em spray que permaneceram impressas na paisagem da cidade como resquícios visuais da quarta-feira negra.

#### REFERÊNCIAS

REPÚBLICA ARGENTINA. Corte Suprema de Registros de La Nación. **Registro Nacional de Femicidios de la Justicia Argentina**. Disponível em: <http://old.csjn.gov.ar/om/femicidios.html>. Data de acesso: 23/10/2016.

Ruptura.

Foto: Patricia Seixas Alves Santos



Sol sob a Chuva.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



A Tomada do Obelisco.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



A Marcha.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



Machismo.  
Foto: Patricia Seixas Alves Santos



Um Basta.

Foto: Patricia Seixas Alves Santos



Outro Olhar.

Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



A Deus.

Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



Aborto Legal.

Foto: Patricia Seixas Alves Santos



Altivez.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



Proteção.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos



Nenhuma a Menos.  
Foto: Ana Mabell Seixas Alves Santos





Revolução.  
Foto: Patricia Seixas Alves Santos



Lágrimas em Spray.  
Foto: Patricia Seixas Alves Santos



## VESTÍGIOS, RUÍNAS E OS SENTINELAS DA MEMÓRIA FERROVIÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL: ENSAIO ETNOFOTOGRAFICO NAS CIDADES DE PELOTAS E PORTO ALEGRE

Yuri Schönardie Rapkiewicz<sup>1</sup>  
Guillermo Stefano Rosa Gómez<sup>2</sup>

Este ensaio envolve um mergulho nas camadas do tempo, vivenciadas e transmitidas por sujeitos que narram uma cultura operária, dos múltiplos ofícios que integram e integraram o sistema ferroviário brasileiro. Através de um processo de escuta atenta (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006) e de uma negociação subjetiva, nos vinculamos, em um contexto antropológico e etnográfico, a trabalhadores ferroviários aposentados. Estas fotografias dialogam com nossos contextos de pesquisa, nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, ambas no Rio Grande do Sul (RS). Nomeamos esses personagens de sentinelas, primeiro fazendo referência à Jacques Le Goff (1990) que enfatiza o papel de determinadas figuras para a manutenção da memória de um grupo, o que conceitua como “homens-memória” (idem, p. 370). A característica enfatizada, presente no termo sentinela, é a de vigília e de guarda constante. São as ações, as narrativas e as imagens desses personagens que se inserem em um projeto de memória coletiva das sociedades urbanas (ECKERT & ROCHA, 2013) e inscrevem-se como um esforço de duração (BACHELARD, 1998).

Yuri Schönardie Rapkiewicz iniciou sua pesquisa entre os ferroviários em 2010, mesmo ano em que ingressou como bolsista de I.C. no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS). A investigação foi gestada no interior de um projeto maior (inserido no núcleo supracitado) intitulado “*Trabalho e Cidade: Antropologia da Memória do Trabalho na Cidade Moderno-Contemporânea*” (CAPES/PNPD), que seguia a tradição dos estudos etnográficos com imagens, enfocando a memória do trabalho, de diferentes profissões, na cidade de Porto Alegre. O projeto culminou em variadas publicações, entre as quais um volume em que o relato do processo etnográfico entre os ferroviários foi publicado como capítulo de livro, organizado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. (RAPKIEWICZ & ECKERT, 2015)

Seu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais (UFRGS) (RAPKIEWICZ, 2014), foi orientado pela professora Cornelia Eckert, e dialogando com a Antropologia Visual e Urbana,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Antropologia Social Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS /UFRGS). rapkiewicz@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS /UFRGS). guillermorosagomez@gmail.com

analisou as imagens e os espaços da ferrovia em Porto Alegre, bem como os itinerários e redes de sociabilidade, nos quais estavam inseridos os ferroviários aposentados. Privilegiou as reuniões sindicais e o processo de regularização fundiária da vila ferroviária, local de habitação onde persistem muitos dos aposentados e suas famílias. Nesse contexto, ainda, organizou uma exposição fotográfica como forma de restituição e circulação dos dados reunidos no período de pesquisa.

Para o presente ensaio, o pesquisador valoriza a figura de Hélio Bueno da Silveira. Este ferroviário aposentado trabalhou na Via Permanente (reparação e manutenção das linhas) e no setor de comunicação social da Rede Ferroviária Federal (RFFSA). No alto dos seus 74 anos, é um importante articulador da memória desta categoria. Gestor do Grêmio Esportivo Ferrinho (agremiação localizada ao lado da vila ferroviária e aos fundos da área operacional da ferrovia) este senhor mantém uma incrível coleção de objetos, papéis e fotografias sobre o universo ferroviário. Atualmente se esforça para que o prédio seja reconhecido pelo poder público como um centro cultural ativo, aberto a comunidade local.

Guillermo Gómez começa a pesquisar o universo ferroviário em seu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais (GÓMEZ, 2015) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), orientado por Claudia Turra Magni e inserido no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/UFPel). Dedicou-se a compreender, por meio das narrativas de aposentados, a estrutura, os processos de trabalho, a divisão hierárquica e suas ressonâncias nos apelidos, nos casos e nas piadas, narrativas características do *ethos* deste grupo profissional. A pesquisa de campo valeu-se da observação flutuante (PÉTONNET, 2008) pelos espaços da antiga vila operária de Pelotas, assim como a observação participante nas casas dos moradores e na delegacia do sindicato ferroviário. A investigação também inseriu-se em um projeto de extensão, coordenado pela professora Claudia Turra Magni, intitulado *Vida nos Trilhos: Memorial da Estação Férrea*, que envolveu uma equipe interdisciplinar e produziu uma exposição itinerante composta por doze banners e um vídeo documentário.

Nesta narrativa visual, prioriza dois interlocutores: Orlando Chagas, de 58 anos, é delegado sindical de Pelotas e maquinista aposentado, envolveu-se como curador da exposição itinerante, negociando sua ida a Porto Alegre<sup>3</sup>. O sindicato constitui um importante espaço de sociabilidade para os aposentados, que reúnem-se ocasionalmente para discutir política, processos salariais que estão tramitando na justiça, casos e memórias da profissão.

---

<sup>3</sup> Este processo de uma Antropologia Compartilhada, juntamente com a divulgação da exposição foi noticiado pela página da Universidade Federal de Pelotas e pelo *Diário da Manhã*, disponível online: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/projeto-resgata-historia-da-estacao-ferrea>

Rubem Medeiros, 80 anos, ingressou no trabalho ferroviário em uma empresa ainda pertencente ao Estado (Viação Férrea do Rio Grande do Sul/VFRGS), na qual desempenhava um trabalho braçal, na Via Permanente. Também trabalhou como Agente da Estação de Pelotas, nos armazéns de carga e no licenciamento de trens. Se aposentou em 1988, quando foi homenageado pela direção da empresa em razão dos cem anos da Abolição da Escravatura, recebendo uma placa de ouro com os dizeres: “A você que na sua pessoa representa a coragem e a luta do povo negro junto à história da Rede Ferroviária do Rio Grande do Sul, nossa homenagem e gratidão”. Sua postura de “homem-memória” (LE-GOFF, 1990), evidencia-se, também, na preservação dos documentos: guarda com ele os envelopes em que recebia seu salário - que inicialmente vinham no trem pagador - que datam desde seu primeiro ano de trabalho, 1957, até sua aposentadoria.

No momento presente, estamos inseridos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), cursando o mestrado. No âmbito do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) compartilhamos a orientação da professora Cornelia Eckert. Nossos interesses de pesquisa convergiram na possibilidade de elaborarmos um ensaio etnofotográfico sobre a ferrovia, suas ruínas e seus narradores. Partindo da filiação comum à *Etnografia da Duração* (ECKERT & ROCHA, 2013), investigamos o passar do tempo, no envelhecimento dos corpos e das ferrovias e, ao mesmo tempo, a “insubordinação” destes sujeitos à “ação corrosiva do tempo” (idem, p.32). Cientes desta transformação do universo de trabalho e da matriz ferroviária de transportes, os sentinelas permanecem em vigília. Suas memórias vibram “em uníssono” com sua comunidade afetiva e de trabalho (HALBWACHS, 2006, p.47). Tecem suas narrativas, que, sobrepondo as camadas do tempo, entre discursos e práticas cotidianas, configuram a duração de um singular modo de vida.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo, Editora Ática, 1988
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006
- GÓMEZ, Guillermo S.R. **Cidade, Trabalho e Narrativa: Etnografia Urbana com Ferroviários Aposentados em Pelotas**. *Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais* sob Orientação da Dr<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni. Pelotas/UFPel: IFISP, 2015.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.  
PETONNET, Colette. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**.  
*Antropolítica*, nº. 25, p.99-111. Niterói, 2008.

RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie. **Trilhar e continuar: estudo etnofotográfico dos ferroviários de Porto Alegre e algumas reflexões antropológicas sobre a cidade, o trabalho e a memória**. *Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais* sob Orientação da Dr<sup>a</sup>. Cornelia Eckert. Porto Alegre/UFRGS: IFCH, 2014.

RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie; ECKERT, Cornelia. **Entre trilhos e temporalidades: o tempo do trabalho nas memórias dos ferroviários aposentados de Porto Alegre**. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da (Org.). *Etnografias do Trabalho, Narrativas do Tempo*. Porto Alegre: Marcavisual, 2015. p. 276 – 303

RICOEUR, Paul. **O si e a identidade narrativa. O si-mesmo como um outro**. Campinas, Papirus, 1991. p 28 a 38 e p 167 a 198.

ROCHA, Ana Luiza e ECKERT, Cornelia. **O antropólogo na figura do narrador**. In: **O tempo e a cidade**. Porto Alegre, UFRGS, 2005

ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013



















1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1  
1

**VÍDEOS ETNOGRÁFICOS**



**Cotidiano dos "silêncios": momentos de plantio em agricultura familiar**

**Daily life of "silences": moments of planting in family agriculture**

Daniel S Fernandes

**Sinopse:** Este vídeo mostra o cotidiano de uma família no trabalho agrícola e sua interação doméstica pelos "silêncios". Em um dia do mês de novembro de 2016, a partir da lógica da agricultura familiar. O vídeo utiliza como campo os espaços da família Souza, momentos da mãe, dos filhos, do pai e dos primos. Situados na Vila de Areia Branca, município de Santa Izabel do Pará/Pará. Foi utilizada para a captura das imagens uma máquina SONY, modelo DSC - H50.

**Synopsis:** This video shows the daily life of a family in agricultural work and on a day of the month of November 2016, based on the logic of family farming. The video uses as spaces the spaces of the Souza family, moments of the mother, the children, the father and the cousins. Located in the village of Areia Branca, municipality of Santa Izabel do Pará / Pará. A SONY camera, model DSC - H50, was used to capture the images.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Rural. Agricultura. Família

**Keywords:** Daily Life. Rural. Agriculture. Family

**Ficha técnica:**

Produção: Daniel S Fernandes

Imagens/Operador de Câmera: Daniel S Fernandes

Edição: Daniel S Fernandes

Roteirista/Texto: Daniel S Fernandes

**Credits:**

Production: Daniel S Fernandes

Images/Camera person: Daniel S Fernandes

Edition: Daniel S Fernandes

Scriptwriter/Text: Daniel S Fernandes



### **Dia da Iluminação: uma relação entre a vida e a morte**

#### **Day of enlightenment: a relationship between life and death**

Maria do Socorro B. Reis

**Sinopse:** Este vídeo mostra a relação de uma família com o dia da iluminação (finados). Suas crenças relacionadas com a morte e a vida. O que lhes remetem a anual visita a seus mortos e suas lembranças. Os fatos e costumes que entrelaçam, muitas vezes, um encontro familiar, raros em outros momentos do ano. Em dia do mês de novembro de 2016, a partir da lógica da crença sobre a morte e a vida. O vídeo utiliza como campo os espaços do cemitério, em momentos que a família do Sr. Antônio da Cunha Siqueira e seus parentes. Situado no antigo Cemitério Santa Rosa de Lima, no centro da cidade de Bragança, no Pará. Foi utilizado para a captura das imagens uma máquina CANON, modelo T3i.

**Synopsis:** This video shows the relationship of a family to the Day of enlightenment (day of dead). Beliefs related to death and life. Which brings them, annually, to pay a visit to their dead and their memories. The facts and customs that intertwine, often a family meeting, rare often happens a year. In a day of November 2016, from the logic of belief about death and life. This video uses as field, the cemetery, in a moment that the family of Mr. Antônio da Cunha Siqueira and its relatives come to pay visit their deads. Located in the old Santa Rosa de Lima Cemetery, in downtown city of Bragança, Pará. A CANON machine, model T3i, was used to capture the images.

**Palavras-chave:** Iluminação. Cemitério. Crença. Morte. Vida

**Keywords:** Lighting. Cemetery. Belief. Death. Life

#### **Ficha técnica:**

Produção: Maria do Socorro B. Reis

Imagens/Operador de Câmera: San Marcelo

Edição: Maria do Socorro B. Reis

Roteirista/Texto: Maria do Socorro B. Reis

#### **Credits:**

Production: Socorro Braga

Images/Cameraperson: San Marcelo

Edition: Maria do Socorro B. Reis

Scriptwriter/Text: Maria do Socorro B. Reis



### **Uma viagem aos saberes dos moradores da Vila Que Era**

#### **A trip to the knowledge of the residents of Vila Que Era**

Jocenilda P de Sousa e Maria do Socorro B Reis

**Sinopse:** Este vídeo apresenta alguns dos saberes que fazem parte do cotidiano dos moradores de comunidades tradicionais, em visitas a campo feitas em novembro de 2016. Utilizam-se no vídeo vários espaços da Vila Que Era, no município de Bragança/Pará, entre eles, o rio, a floresta, a oficina de cerâmica, o estaleiro. Na captura das imagens, foram usadas uma máquina Nikon Coolpix P520 e uma máquina Canon, modelo PC 1431.

**Palavras-chave:** Saberes. Cotidiano. Comunidades Tradicionais.

**Synopsis:** This video presents some of the knowledges that are part of the daily life of the residents of traditional communities, in field visits made in November 2016. Several videos of the Vila Que Era are used in the video in the city of Bragança / Pará, among them, the River, the forest, the pottery workshop, the shipyard. In the capture of the images, a Nikon Coolpix P520 machine and a Canon machine, model PC 1431 were used.

**Keywords:** You know. Daily. Traditional Communities.

#### **Ficha técnica:**

**Produção:** Jocenilda P de Sousa, Maria do Socorro B Reis e Samuel Antonio S do Rosario

**Imagens / Operador de Câmera:** Jocenilda P de Sousa, Maria do Socorro B Reis e Samuel Antonio S do Rosario

**Edição:** Jocenilda P de Sousa e Maria do Socorro B Reis

**Roteirista / Texto:** Jocenilda P de Sousa e Maria do Socorro B Reis

#### **Credits:**

**Production:** Jocenilda P de Sousa, Maria do Socorro B Reis e Samuel Antonio S do Rosario

**Images / Cameraperson:** Jocenilda P de Sousa, Maria do Socorro B Reis e Samuel Antonio S do Rosario

**Edition:** Jocenilda P de Sousa e Maria do Socorro B Reis

**Scriptwriter/Text:** Jocenilda P de Sousa e Maria do Socorro B Reis



**Oleiros da “Fazendinha”: Entre o capital e o Saber Ecológico na produção da cerâmica caeteuara.**

Aline Costa da Silva  
Loram Tyson dos Santos Araújo

**Sinopse:** Manoel Paixão Macêdo da Silva faz parte da terceira geração de uma família de descendência portuguesa que trabalha na produção de cerâmica caeteuara, em uma comunidade conhecida por Fazendinha, no município de Bragança-Pará. O vídeo registra, na pessoa do senhor Paixão, que por trás das peças fabricadas à mão e reconhecidas na região, há saberes ecológicos imbricados, frutos da interação da família que trabalha na produção do artesanato e sua relação de valorização e afeto com o meio ambiente. No processo de feitura da cerâmica, o uso da semente banhada no azeite de andiroba, a argila branca sem cheiro retirada com cuidado da várzea, a guarda das raízes da Siribeira às margens do Caeté e a estética do caminho construído torto até o rio, porque mais belo, exemplificam a simbiose entre o homem e natureza, cuja relação busca, em face da necessidade de sobrevivência, conciliar a conquista do capital com a preservação ambiental protagonizada pelo homem. Na captura das imagens foi utilizada uma máquina Canon, modelo PC 1431.

**Synopsis:** Antônio Maria Macêdo is part of the third generation of a family of Portuguese descent who works in the production of caeteuara ceramics, in a community known as Fazendinha, in the municipality of Bragança-Pará. The video records, in the person of Mr.

Paixão, that behind the pieces manufactured by hand and recognized in the region, there are ecological knowledge simbricados, fruits of the interaction of the family that works in the production of the crafts and its relationship of appreciation and affection with the environment . In the process of making the pottery, the use of the seed bathed in the oil of andiroba, the white clay without odor carefully removed from the várzea, the guard of the roots of the Siribeira on the banks of the Caeté and the aesthetics of the road built crooked to the river, because More beautiful, exemplify the symbiosis between man and nature, whose relationship seeks, in the face of the need for survival, to reconcile the conquest of capital with the environmental preservation carried out by man.

**Palavras-chave:** Fazendinha, cerâmica, Saber Ecológico, Família

**Keywords:** Farm, Ceramics, Ecological Knowledge, Family

**Ficha técnica:**

Produção: Aline Costa da Silva e Lorrain Tyson dos Santos Araújo

Imagens/Operador de Câmera: Aline Costa da Silva

Edição: Francisca Galeana Salgado

Roteirista/Texto: Aline Costa da Silva

**Credits:**

Production: Aline Costa da Silva e Lorrain Tyson dos Santos Araújo

Images/Cameraperson: Aline Costa da Silva

Edition: Francisca Galeana Salgado

Scriptwriter/Text: Aline Costa da Silva

U  
U  
U  
**Gentes peixes e aves**  
**People fishes and birds**

**Sinopse:** O vídeo em questão resulta de uma Oficina de Vídeo Etnográfico realizada pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia, cuja intenção era a de captar imagens e, a partir daí produzir uma narrativa etnográfica por imagens, a fim de refletirmos sobre as interações entre humanos e não-humanos no contexto da Pedra do Peixe, situada no Ver-o-Peso, na cidade de Belém (PA). O vídeo é parte da pesquisa no âmbito da Antropologia Urbana, realizada pelo Dr. Flávio Silveira, figurando como um dos resultados de uma pesquisa em andamento ligada à bolsa de produtividade, financiada pelo CNPq. Para a captação das imagens foram utilizadas Câmeras Canon 5d e 60d.

U  
**Synopsis:** The video results from an Ethnographic Video Workshop conducted by the members of the Anthropology of Landscapes Research Group: memories and imaginaries in the Amazon, whose intention was to capture images and, from there, produce an ethnographic narrative by images, To reflect on human-non-human interactions in the context of Pedra do Peixe, located in Ver-o-Peso, in the city of Belém (PA). The video is part of Urban Anthropology research, carried out by Dr. Flávio Silveira, as one of the results of an ongoing research linked to the productivity grant, funded by CNPq. Canon 5d and 60d cameras were used to capture the images.

U  
**Palavras chave:** Cidade. Pedra do Peixe. Interações humano-não-humanos. Socialidades.

U  
**Keywords:** City. “Pedra do Peixe”. Human-non-human interactions. Socialities.

U  
U  
**Ficha técnica:**  
Produção:  
Imagens/Operador de Câmera: Marcelo Rodrigues, Pedro da Rocha Paim,  
Terezinha de Fátima Ribeiro Bassalo  
Edição  
Roteirista/Texto: Lanna Beatriz Lima Peixoto, Véronique Isabelle

**Credits:**  
Production:  
Images/Cameraperson: : Marcelo Rodrigues, Pedro da Rocha Paim,  
Terezinha de Fátima Ribeiro Bassalo  
Edition  
Scriptwriter/Text: Lanna Beatriz Lima Peixoto, Véronique Isabelle

## NOVA REVISTA AMAZÔNICA

**email**

[novarevistaamazonica.ufpa@gmail.com](mailto:novarevistaamazonica.ufpa@gmail.com)

**revista online**

<http://novarevistaamazonica.blogspot.com.br>

**publicação ISSU**

<http://issu.com>

**facebook:**

<https://www.facebook.com/Nova-Revista-Amaz%C3%B4nica-952827164854220/>

**instagram:**

<https://www.instagram.com/novarevistaamazonica>

**Twitter**

<https://twitter.com/NAmazonica>

**Youtube**

[https://www.youtube.com/channel/UCYpomIB1KqC6\\_n3mCjl7TDw](https://www.youtube.com/channel/UCYpomIB1KqC6_n3mCjl7TDw)

**Vimeo**

<https://vimeo.com/user66557154>



**Sobre o Estatuto e os Usos das Imagens nas Pesquisas  
Contemporâneas<sup>1</sup>**